

## PARA ONDE VAI A CONTRAOFENSIVA DA UCRÂNIA?

---

Por M. K. Bhadrakumar\*



*Tropas pró-Rússia em um veículo blindado marcado com a letra "Z" na região de Donetsk, Ucrânia, em 1º de março de 2022 (Alexander Ermochenko/Reuters).*

---

*Zelensky sabe que o resultado de sua "contraofensiva" é crítico para a continuidade do apoio ocidental, enquanto parece cada vez mais duvidoso que Biden sacrifique sua presidência pela guerra na Ucrânia.*

---

**O** mês de maio chegou, mas sem a tão esperada "contraofensiva" ucraniana. A mídia ocidental está especulando que pode chegar no final de maio. Há também a ideia de que Kiev é criteriosa em "ganhar tempo".

As chances de a Ucrânia fazer algum tipo de "avanço" na linha de frente russa de 950 km de extensão não podem ser descartadas, mas uma contraofensiva russa é quase certa. Uma guerra sem fim não será adequada para as potências ocidentais.

Na semana passada, o principal comandante da OTAN, o general do Exército dos EUA Christopher Cavoli afirmou que o exército russo operando na Ucrânia é maior do que quando o Kremlin lançou sua operação militar especial, os ucranianos "têm que ser melhores do que a força russa que enfrentarão" e decidir quando e onde eles vão atacar.

Cavoli disse que a Rússia tem profundidade estratégica em mão de obra e até agora perdeu apenas um navio de guerra e cerca de 80 caças e bombardeiros táticos de uma frota aérea de cerca de 1.000. O general contradisse gentilmente o secretário de Defesa Lloyd Austin e o chefe do Estado-Maior general Mark Milley, que têm propagado que a Rússia está à beira da derrota.

Falando no painel da Câmara na quarta-feira, o general Cavoli disse: “Esta guerra está longe de terminar”. Na quinta-feira, ele foi além ao dizer ao Senado: “Acho que [os russos] podem lutar mais um ano”. Na audiência da Câmara, Cavoli também disse que a atividade submarina russa só aumentou no Atlântico Norte desde o início da guerra e nenhuma das forças nucleares estratégicas do Kremlin foi afetada pelas operações na Ucrânia.

Ele disse em um ponto de seu [testemunho escrito](#): “As forças aéreas, marítimas, espaciais, cibernéticas e estratégicas russas não sofreram degradação significativa na guerra atual. Além disso, a Rússia provavelmente reconstruirá seu futuro Exército em uma força terrestre considerável e mais capaz... A Rússia mantém um vasto estoque de armas nucleares implantadas e não implantadas, que representam uma ameaça existencial para os EUA.”

Claramente, toda a narrativa de mentiras e ofuscamento criada pelos neocons na administração Biden no ano passado se desfez. O balanço mostra que não há nada que justifique a enorme quantidade de ajuda à Ucrânia durante o período de um ano – mais de US\$ 100 bilhões, o que é *pro rata* muito mais do que o que os EUA gastaram nos vinte anos de guerra em Afeganistão.

O testemunho do general Cavoli veio logo após os documentos do Pentágono vazados recentemente, que apresentaram uma imagem sombria do estado de preparação militar de Kiev e da falta de confiança do governo Biden no regime de Zelensky.

Os documentos do Pentágono ecoaram, com efeito, um estudo de janeiro intitulado [Evitando uma longa guerra](#) da RAND Corporation, que recomendou que “o interesse primordial dos EUA em minimizar os riscos de escalada deve aumentar o interesse dos EUA em evitar uma longa guerra (na Ucrânia). Em suma, as consequências de uma guerra longa – variando de riscos elevados persistentes a danos econômicos – superam em muito os possíveis benefícios”.

De fato, parece que há um fluxo significativo de opiniões divergentes dentro do *establishment* de segurança e defesa dos EUA, que estima que o presidente Biden levou os EUA a uma trajetória política desastrosa que está fadada a ter um resultado calamitoso – uma derrota humilhante na Ucrânia que pode prejudicar a aliança da OTAN, enfraquecer o sistema transatlântico e corroer a credibilidade dos EUA como potência global.

Veteranos bem-informados da comunidade de inteligência dos EUA consideram o vazamento de documentos do Pentágono um mini-motim. O ex-analista da CIA, Ray McGovern, disse à *CGTN* da China: “Acredito que alguns formuladores de políticas seniores do Pentágono, nos escalões mais altos do Departamento de Defesa, tenham decidido: ‘Sabe, é uma missão tola na Ucrânia. Talvez tenhamos que revelar a verdade. Talvez tenhamos exposto pessoas como o chefe de gabinete Milley e o secretário Austin pelas mentiras que contaram sobre o progresso ucraniano e os russos sendo apenas pulverizados. E, talvez, isso impeça esse alargamento da guerra.’”

O conhecido ex-analista da CIA, Larry Johnson, compartilha da mesma opinião. Ele [escreveu](#): “Isso parece um vazamento controlado e direcionado... o material vazado não é material de inteligência aleatório. Ele é projetado para contar várias histórias. O mais proeminente é a deterioração das capacidades ucranianas e os principais obstáculos enfrentados pelos Estados Unidos e o restante da OTAN no fornecimento de defesa aérea, projéteis de artilharia, peças de artilharia e tanques extremamente necessários. Em outras palavras, a Ucrânia vai quebrar e queimar.”

Johnson [acrescentou](#): “Deixe-me sugerir uma possibilidade para esse vazamento – criar um predicado para forçar Joe Biden a deixar o cargo. As revelações nos documentos classificados não são invenções destinadas a enganar os russos. Tampouco são o tipo de material para reunir mais apoio dos EUA para despejar mais recursos no buraco negro da Ucrânia. Esses vazamentos alimentam o meme de que a equipe de Biden é incompetente e está colocando em risco os interesses americanos no exterior”.

Não se engane, essas tentativas de golpe do Estado Profundo não são novidade na história presidencial dos EUA – Eisenhower foi prejudicado quando buscou *détente* com a União Soviética; todo um *corpus* de materiais disponíveis hoje sugere que a [CIA incriminou Nixon](#) no caso Watergate. Hoje, tudo isso está acontecendo tendo como pano de fundo o presidente Biden buscando um segundo mandato nas eleições de 2024.

Quanto ao próprio Zelensky, ele tem plena consciência de que o sucesso ou o fracasso de sua “contraofensiva” será crítico para a continuidade do apoio ocidental. Levando tudo em consideração, um cenário diplomático confuso se aproxima, um cenário que também abriria divisões entre os países ocidentais e no qual a China poderia desempenhar um papel mais importante.

Não há garantia de que o apoio público à guerra por procuração de Biden se manterá até a eleição de 2024. Basta dizer que é cada vez mais duvidoso que Biden sacrifique sua presidência por causa da guerra na Ucrânia. Estes são, obviamente, os primeiros dias. Um grande navio precisa de muito espaço para virar.

Os russos estão tomando suas decisões com base em suas próprias avaliações. Houve uma perceptível escalada de ataques russos contra instalações militares ucranianas. Tem sido [relatados](#) ataques maciços nas áreas de retaguarda dos militares ucranianos.

Um ataque no domingo à infraestrutura ferroviária e depósitos de munição e combustível em Pavlogrado, um importante centro de comunicação perto da quarta maior cidade da Ucrânia, Dnipropetrovsk, foi [particularmente devastador](#). As tropas ucranianas estavam se acumulando em Pavlogrado para uma ofensiva contra Zaporizhya. Duas divisões de mísseis S-300 foram destruídas.

No fim de semana, o ex-presidente Dmitry Medvedev escreveu no canal *Telegram* que a Rússia deveria buscar a “destruição em massa” de pessoal e equipamentos militares ucranianos”; negociar uma “derrota militar máxima” das Forças Armadas da Ucrânia; lutar pela “derrota completa do inimigo e a derrubada final do regime nazista em Kiev com a desmilitarização completa de todo o território

da ex-Ucrânia”; e seguir em frente com represálias contra figuras-chave do governo Zelensky, independentemente de sua localização e sem limites.”

Medvedev acrescentou: “Caso contrário, eles não vão se acalmar... e a guerra vai se arrastar por muito tempo. Nosso país não precisa disso.” O clima ficou feio e o conflito está prestes a tomar um rumo cruel, já que a diplomacia encalhou completamente.

Publicado no [Indian Punchline](#).

---

*\*M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*

---